





As Crônicas de Aço e Trovão

Livro I - A Ordem da Águia

Tomo I





Parte I - Avah.....05

Parte II - Avah, Saylah e a Ordem da Águia.....115

Parte III - Formação Triângulo.....208

PARTE I
AVAHA



Capítulo I

E então minha filha, é dessa forma que é contado: Toda a terra tremeu e as pessoas correram tentando fugir. Mas era implacável o grande... o Gigante Movedor. Com o seu pensamento, ele podia mover montanhas, arremessar casas e destruir tudo a seu redor. Assim sendo, muita morte ele levou a diversos povos. Até que apareceu o grande Deus Águia para enfrentá-lo.

O Gigante Movedor arremessou casas contra Ele, mas não adiantou. Jogou em seguida montanhas, contudo o Deus Águia se defendeu facilmente. Este, muito triste, partiu para o contra-ataque. Fez criar de suas penas quarenta flechas, que pairaram no céu. Com o comando do Deus, elas cortaram o ar na direção do gigante.

Quarenta perfurações. Quarenta feridas. Mas o Gigante Movedor não se abalou, começou a andar em direção ao Deus Águia. Cada passo, a terra tremia. Cada passo, um rio movia o seu curso.

Foi então, que o Deus fez surgir em seu corpo dez braços. Dez braços, dez mãos. Cada mão carregava uma adaga de cor e origem diferente. Cada uma com o seu próprio poder.

O Gigante Movedor se aproximou e recebeu dez apunhaladas. As dez adagas perfuraram o corpo de tamanho descomunal. O gigante recuou, sentindo dores agudas, mas, ainda assim, queria lutar. Olhou para a lua e pensou em movê-la contra o Deus Águia.

O Deus, por sua vez, fez sumir cinco de seus braços, restando apenas outros cinco. E naquelas cinco mãos, cinco brilhos de energia surgiram. Em uma delas, um lampejo dourado avermelhado, em outra reflexos azulados... e entre as cores, cinco espadas surgiram. Cada uma de diferente lâmina.

Uma espada de fogo, uma de água, outra feita de ar afiado, mais outra em lâmina de cobre com solidez das rochas e, por fim, algo como raios e trovões prontos para cortar o inimigo.

O Gigante Movedor, com seu pensamento, arremessou uma montanha sobre o Deus Águia. As rochas foram cortadas pela forte espada de fogo. E, enquanto a montanha se desfazia, o Deus contra-atacou o gigante.

As cinco espadas cravaram no corpo do monstro. Cinco elementos agredindo o gigante. Este urrou, mas não parou, não morreu. Olhou feio para o Deus Águia.

O Deus então abaixou seus braços, todos os cinco. O maldito Gigante Movedor ainda não havia morrido. O monstro poderia causar mais destruição em seus últimos atos de luta para poder vencer a qualquer custo. O Deus Águia ergueu a espada do trovão e o poder das outras quatro espadas foram sendo sugadas para esta até sumirem completamente. A espada do trovão não era mais uma espada, era uma lança. Uma lança feita de luz. Luz e poder.

O chão tremeu em resposta ao medo sentido pelo Gigante Movedor. A lança brilhou como um sol. O Deus Águia então a arremessou contra o maldito. A luz atravessou o corpo do monstro. A morte lhe veio quase que instantaneamente.

O corpo gigantesco do Movedor Destruidor foi ao chão. Imóvel. Morto. A lança se desfez e logo em seguida o corpo do maldito também. Triste, o Deus pode ver o Gigante Movedor se rompendo e contaminando a terra.

O Deus Águia alçou voo e retornou aos céus e, de lá, passou a inspirar pessoas especiais, os Profetas Escribas, a escreverem os Pergaminhos Elísios. Pergaminhos estes com razão de guiar a humanidade e protegê-la do mal que se sucedeu.

A terra contaminada fez com que nascesse entre as pessoas, até os dias de hoje, indivíduos com o poder de mover as coisas com o pensamento que ameaçam todas as famílias e devotos do Deus Águia.

-

– Mas mãe, nem todos os movedores são ruins – disse Avah – Peyge, da venda de doces, move coisas pequenas e não faz mal a ninguém.

– Eu sei, minha filha. Mas Peyge já é velho e seu poder é bem fraquinho. O problema é que o poder tende a corromper, quanto maior o poder, maior a corrupção. Agora que a estória acabou, você pode ir dormir. Na verdade, você está bem grandinha para eu ficar te contando estórias de ninar.

Avah estava com quinze anos, possuía cabelos loiros curtos na altura das orelhas e olhos castanhos. Ela se parecia com sua mãe, Serona, porém esta possuía cabelos longos. Avah era um pouco mais baixa que a mãe, contudo possuía o corpo um pouco mais forte, fato este indiretamente atribuído ao pai.

Laco Stowe era o ferreiro da cidade e devido a sua idade passar dos cinquenta, e uma antiga ferida na perna, Avah tomava sua vez em testar as armas, a maioria espadas, que ele fazia. E a jovem adorava isto. Sempre medindo o balanço das armas, o peso, o fio.

A brincadeira, ou teste, ou treino, como ela chamava, já ocorria desde bem pequena. Quando cansava, pedia à mãe que lhe contasse alguma estória. Serona era conhecida entre as crianças por ser uma ótima contadora de estórias.

A manhã veio sobre o vilarejo de Janay. Pertencente ao reino de Alveik, Janay se localizava na fronteira com Portiga, o que não era algo muito seguro. Nos últimos anos este reino começara uma onda de

hostilidade aos reinos vizinhos chegando a tomar outras vilas e expandir os limites sob seu comando.

Contudo, os habitantes de Janay não se amedrontavam ou não se importavam, porque mesmo sendo um vilarejo pertencente à Alveik, muitos habitantes eram provindos de Portiga ou descendentes de lá.

Alveiks nativos eram em sua maioria brancos ou pardos com cabelos escuros e olhos castanhos ao passo que os indivíduos nascidos em Portiga eram loiros de olhos claros. Avah, loira com olhos castanhos representava bem uma criança nascida na fronteira.

A jovem comia o seu desjejum. Um pão cortado ao meio com fatias de maçã e leite com açúcar e uma pitada de sal.

Um grito e um barulho alto, não identificado ressoou. Serona, à mesa com Avah, ergueu-se subitamente. Laco entrou na sala pela porta de fora mancando apressado. Mais gritos.

– O que está havendo? – indagou Avah.

– Estamos sendo atacados, – respondeu Laco, carregando uma espada embainhada. – Temos de sair daqui agora!

Os três saíram de casa. Tudo já estava acontecendo muito rápido. Correria, casas pegando fogo. Confusão. Cavaleiros vindos de Portiga atacavam os moradores por todos os lados. A expansão agressiva deste reino finalmente chegava ao vilarejo de Janay.

Laco apontou para oeste, querendo ir em direção a saída da cidade, talvez pegar uns cavalos ou uma carroça. Nada mais lógico correr para oeste, já que Portiga ficava a leste e os invasores vinham de lá. Mesmo mancando, o homem queria salvar sua família, ele olhava a sua volta e via amigos e vizinhos serem mortos ou lutando pela própria vida, mas nada podia fazer. Contudo a mobilidade não estava sendo a maior vantagem do trio.

Um grupo de cinco homens surgiu em frente à família. Violência nos olhos e más intenções. Um homem manco com uma bela mulher e uma jovem. Muito fácil derrotá-lo para as duas logo virarem diversão do bando.

Entre os cinco, um deles foi à frente, aparentemente o líder destes, desembainhando a espada para atacar Laco, mas para sua surpresa, a jovem de cabelos loiros curtos pulou à frente do pai e puxou a espada segurada por ele pela bainha. A lâmina escorregou para fora da proteção. Avah segurou firme o punho da arma e em poucos segundos ela se apresentou como defensora de sua família.

O bando riu. A mocinha com rosto de criança segurando a espada para defender o pai aleijado e a mãe assustada.

– Ora, ora... O que temos aqui... – debochou o líder do bando. – Não se intrometam, – falou aos seus. – Eu enfrento a mocinha aqui. Quando eu vencer, ela será minha e vocês ficam com a mãe.

Laco e Serona estavam atrás de Avah, deveriam correr, fugir, mas não poderiam deixar a filha pra trás. Eles poderiam gritar para a filha tentar escapar, mas invasores estavam por toda a parte.

O guerreiro invasor avançou sobre Avah. Movimento de espadada descendente sobre a moça. Esta aparou jogando o peso do golpe para o lado. Se o soldado fosse mais experiente, teria percebido que a jovem não quis medir força ao se defender, desviou o peso de um homem adulto mais forte que ela para o lado, evitando uma disputa de poder muscular. A menina sabia o que fazia.

Avah atacou lateralmente e o guerreiro desviou facilmente. Ela atacou novamente e ele defendeu sem esforço. O invasor riu. Seus companheiros apreciavam com ânimo a iminente derrota da garota. Outro ataque do guerreiro e Avah desviou novamente. Ela voltou a atacar e o invasor defendeu mais uma vez.

– Admito, mocinha, que está sendo divertido. Mas não vamos gastar mais tempo nisso.

– Concordo, sua coisa!

O guerreiro riu e Avah avançou loucamente. Golpes laterais, defendidos. Golpes descendentes, defendidos facilmente. O invasor se divertia ao ver que a jovem começou a se cansar, até que um golpe diagonal veio mais lento e ele pode desviar com muita facilidade. A moça deixou a guarda baixa e o rosto próximo demais. Com a mão esquerda livre, o invasor socou-lhe a face. Avah girou tonteando e o homem estendeu o braço para lhe retirar a espada. Assim a menina não seria mais oponente, seria diversão.

Um giro e um corte. Um urro de dor. Todos demoraram a entender. Avah havia girado novamente o corpo de súbito e cortara fora a mão esquerda do líder do pequeno bando. Os outros quatro ficaram surpresos e chocados. Sem perder tempo, a moça golpeou novamente decepando a outra mão, que foi ao chão com a espada inimiga.

O líder do bando só urrava e em meio à dor e deu um esboço de ordem de ataque. Um dos quatro invasores gritou algo como "matem os três". Mas tudo era barulhento, sem controle. O fogo se alastrava mais e mais gente morria. Fumaça estava por todo lado.

Avah pulou na frente de mais um do bando para tentar impedir o avanço deles. Ela não tinha mais o elemento surpresa nem o desejo de "brincar" de seus inimigos que existia segundos atrás. Ela defendeu o primeiro golpe com sua espada, mas o segundo, vindo de outro inimigo acertou sua coxa, abrindo um corte. A moça ainda defendeu o terceiro golpe, contudo dessa vez não conseguiu fazê-lo de forma apropriada e sua espada soltou de sua mão com a força do impacto e ela foi ao chão.

Serona foi à frente de Laco e se preparava para pular na frente de Avah. O golpe fatal na menina já parecia inevitável e a mãe não ia deixar sua filha morrer na sua frente. Porém os invasores pararam de atacar.

Uma correria inexplicável começou a acontecer. O líder do bando caiu no chão desfalecido e os outros quatro olhavam a sua volta tentando entender porque seus companheiros corriam aterrorizados. Fugindo de algo.

Ninguém mais lutava. Alguns fugiam e outros procuravam entender. Quem o fazia acabou olhando para o leste. Em meio ao fogo e a fumaça surgiu uma silhueta. Uma mulher. O vento bateu movendo os longos cabelos e a capa. Os invasores que ainda não haviam corrido não se amedrontaram. Porém o vento soprou novamente e a silhueta revelou-se ao afastar a fumaça.

Uma armadura incomum. Um prateado meio azulado, metal estranho. Contornos diferentes nos encaixes. No peito, com a peça feita de forma anatômica, havia um desenho de uma águia. O pavor tomou conta de quem entendeu o que aquilo significava.

Dos quatro guerreiros que ainda cercava a família um já saiu correndo. Outro sussurrou:

– A Ordem da Águia.

– Não é só um cavaleiro da Ordem, – completou um outro. – É ela. É...

A mulher tinha os olhos azuis-claros vidrados e frios. Em sua espada havia a forma de dois leões e o desenho de um dragão, ela estava desembainhada já coberta de sangue. Os cabelos eram lisos, negros e longos, balançando sobre a capa azul escura. Um grupo de invasores, desavisados, mesmo sabendo que era um membro da Ordem da Águia, atacou.

Seis contra um. Era só uma mulher. Só uma pessoa. Só um oponente. Errado. O primeiro inimigo que chegou perto morreu. A espada e o braço dela haviam se movido. Os outros cinco não entenderam.

Do grupo que cercava Avah, agora só três, um deles gritou:

– Fugam, seus idiotas! Recuem todos! É a Saylah!

Saylah se moveu, sua capa tremulou no ar. Em meio ao fogo e fumaça, mais dois caíram mortos diante dela. O terceiro, ao ver o ataque se preparou melhor, e o segundo golpe da cavaleira da ordem foi defendido por este. Porém ele não conseguiu acreditar. Era o impacto de uma marreta sobre sua espada. Aparar o golpe da mulher quase deslocou seu pulso e sua mão começou a doer imediatamente. Aproveitando essa chance, outro inimigo tentou atingir Saylah pelas costas. Porém, esta com velocidade e facilidade, segurou a lâmina da espada com a mão esquerda.

Os dedos da mulher não foram cortados. Que armadura era aquela? Que mulher era aquela? Ela puxou a espada pela lâmina, desarmando seu inimigo e atacou usando-a como se ela fosse um machado, fazendo a guarda da arma entrar no crânio de seu oponente, que caiu morto. O outro invasor que ainda defendia o golpe da mulher e tinha seu pulso doendo terrivelmente, foi ao chão.

Do grupo dos seis que havia investido contra a cavaleira, um estava no chão e outro ainda não havia feito nada, mas estava pensando seriamente em desistir. Saylah o olhou de forma gélida como se ela não tivesse alma. O homem esqueceu completamente a beleza da mulher que aparentava ter por volta de vinte e cinco anos e só viu a morte na forma da guerreira a sua frente. Ele desistiu e correu.

Saylah caminhou calmamente contornando o inimigo com dor na mão que estava no chão como se ele fosse nada. Ele estava petrificado de medo. Atrás dela surgiu entre a fumaça um exército. O exército do reino de Alveik. Os invasores que ainda podiam correr fugiram. O grupo que atacara a família de Avah largou o corpo de seu líder, que já estava morto pela perda de sangue, e desapareceu.

Os cavaleiros de Alveik capturaram os invasores feridos e começaram a ajudar os moradores que ainda estavam vivos ou escondidos. Saylah passou andando ao lado da família de Avah, que ainda estava no chão. Mas não parou, olhou a moça caída no chão com a perna cortada. Serona e Laco a olharam com medo e admiração e não conseguia dizer nada. Ela não parecia humana. Ao perceber que Saylah olhou nos seus olhos, Avah moveu os lábios sabendo que a guerreira os leria dizendo "obrigado". A cavaleira nada respondeu, olhou para frente e continuou a andar.

-

O exército de Alveik já estava por toda a vila. No limite desta, olhando para leste, estava Saylah. Outra guerreira da Ordem da Águia apareceu acompanhada de um cavaleiro e do general do exército do reino.

Armadura semelhante à de sua superior, prateada, porém com capa branca, e águia figurando no peitoral. A jovem era de pele negra bem escura e cabelos bem curtos com traços finos. Características comuns na etnia do reino de Zala. Aparentando um pouco mais de vinte anos, a moça portava uma lança com orgulho.

– Sim, Delarah? – dirigiu-se Saylah.

– Senhora, estão todos prontos.

– A senhora tem certeza disso? – indagou a Saylah, o general do exército do reino.

– Sim – respondeu ela. – Esse grupo que atacou a vila é bem menor que o exército que está vindo. A vila está perdida, general.

– Nós podíamos...

– Lutar? Não. Muitas mortes. Vitória quase improvável para pouco ganho.

– Entendo – o general baixou a cabeça e aceitou.

– Delarah, deixe que o general e seus homens se encarreguem de alocar as famílias dessa vila que sobreviveram para os lugares mais seguros no reino de Alveik. Quero que você pessoalmente direcione a família do ferreiro para a cidadela.

– O ferreiro? – indagou a jovem zala. – A Cidadela da Ordem da Águia já tem muitos ferreiros.

– Quero a menina, Del. A loira.

– Existem vagas para minhas Flechas, de Cliron e Ynic. Mas se ela não quiser?

– Ela não precisa saber que tem essa escolha.